

# “TOMEI EM MINHAS MÃOS O CEDRO DO MEU DESTINO...”: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONTOS “NATALINA SOLEDAD” E “REGINA ANASTÁCIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.

**Amanda Gabriela de Castro Resque**  
(UFPA – Mestranda)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
Amanda Gabriela de Castro Resque: mestranda em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), bolsista CAPES. E-mail institucional <a href="mailto:amanda.resque@ilc.ufpa.br">amanda.resque@ilc.ufpa.br</a> ; Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/8051894191095910">http://lattes.cnpq.br/8051894191095910</a> .

RESUMO	ABSTRACT
O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar a questão subversiva nos contos “Natalina Soledad” e “Regina Anastácia” do livro <i>Insubmissas Lágrimas de Mulheres</i> , de autoria da brasileira Conceição Evaristo (2011). Essa discussão ocorrerá a partir de verificações relacionadas as protagonistas das aludidas narrativas, mulheres negras e que por muitas vezes foram subjugadas em suas próprias histórias. Com base no postulado, é frisável que além do livro de Evaristo utilizamos como referências os escritos de Sherry Otner (1979), Maria Moraes (2000), Renata Severiano (2012) e Simone Sobrinho (2015), entre outros. Esperamos, com este trabalho, responder questões relacionadas à insubmissão feminina perante a sociedade brasileira machista e racista, verificar o despertar das personagens durante as narrativas e como elas tomaram em suas mãos o cedro dos seus destinos e deram o rumo que quiseram as suas vidas.	The main point of this work is to present the subversive question in the stories “Natalina Soledad” and “Regina Anastácia” from the book <i>Insubmissas Lágrimas de Mulheres</i> , by Conceição Evaristo (2011), through the main characters of the mentioned narratives in addition to identify how machism affected the walks of the characters as well as addressing the racial issue, considering that the tales are starring black characters. Based on the postulate, it is noteworthy to add that in addition to Evaristo's book we use the researchs of Sherry Otner (1979), Maria Moraes (2000), Renata Severiano (2012) and Simone Sobrinho (2015) and others, as references. We hope, with this research, to answer questions related to female insubmission before the Brazilian misogynistic and racist society, to verify the awakening of the characters and how they took the cedar of their destinies in their hands and gave the direction they wanted in their lives.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Conceição Evaristo; Natalina Soledad; Regina Anastácia; Feminismo.	Conceição Evaristo. Natalina Soledad. Regina Asnatácia. Feminism.

## INTRODUÇÃO

Lançado em 2011, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, abordou o universo das relações de gênero em um contexto social marcado pelo sexismo e racismo. Tendo em vista que a literatura não é apenas um reflexo da sociedade, é possível frisar que o livro trouxe consigo alguns elementos da realidade de caráter político-social. Segundo Severiano (2018), Conceição Evaristo “constrói uma contranarrativa que dá voz a uma lacuna antes vazia, e assume a posição de contrafala ao discurso tradicional, que detinha o poder” (SEVERIANO, 2018, p. 31) ao postular sobre as vivências das mulheres negras.

Sendo uma antologia de contos, cada capítulo/conto teve como título o nome e o sobrenome de suas devidas protagonistas, com isso, a autora deu voz e destaque para mulheres que por séculos tiveram suas histórias silenciadas estruturalmente por uma sociedade baseada no patriarcalismo e racismo. Em consonância, Severiano (2018) afirmou que Conceição Evaristo construiu sua obra pautada em denúncias sociais, corroborando com a

[...] consolidação de uma literatura brasileira escrita por mulheres afrodescendentes. Visto que tanto a crítica quanto o cânone literário são afetados pelas estruturas de poder, a autoria feminina negra insere-se neste contexto como duplamente oprimida, em um lado há o racismo, e, em outro, o sexismo. (SEVERIANO, 2018, p. 32)

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* as personagens protagonistas se erguem contra o poder de seus algozes, demonstrando a resiliência feminina perante os sofrimentos impostos pela sociedade a qual estão inseridas. Elas confrontam o patriarcado sem receio de exprimir seus medos, subvertendo ao imposto culturalmente e conquistam sua felicidade.

## 1 EVARISTO E A INSUBMISSÃO

Nascida em 1946 em Belo Horizonte, Maria da Conceição Evaristo Ribeiro teve sua origem em uma família de mulheres negras, fato expressivo para sua trajetória. Em 1970, migrou para o Rio de Janeiro onde cursou a graduação em Letras na UFRJ, tornou-se Mestre em Literatura Brasileira, pela PUC do Rio de Janeiro, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Conceição Evaristo, como ficou conhecida, engajou-se na militância política ao participar de movimentos sociais até poucos anos antes da ditadura militar se instalar, colaborou com o grupo Negrícia nos anos oitenta, envolvendo-se em atividades culturais

em espaços marginalizados, além de ter trabalhado durante anos como professora da rede pública de ensino.

Sua primeira obra foi publicada em 1990, a reunião de contos e poemas de sua autoria ocupou a série *Caderno Negro* prolapado pelo grupo Quilombhoje. O seu primeiro romance publicado no formato livro foi *Ponciá Vivência* (2003), o qual obteve uma boa recepção crítica e pública. Em 2011, lançou o livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, o qual explanaremos neste trabalho. Nesse livro, Evaristo trabalhou as relações de gênero em contextos marcados pelo sexismo e racismo, tema que será discutido posteriormente.

Como mulher negra, sua condição e vivência marcou sua escrita, todavia, é imprescindível ressaltar que a literatura não é mero “reflexo da sociedade, pois traz consigo elementos transformadores da realidade, podemos enfatizar o então caráter de cunho político-social nas obras da autora aqui mencionada” (SEVERIANO, 2018, p. 30).

A escrita de Evaristo pode ser caracterizada pela forma poética a qual reivindica a questão do ser negro ao assumir um compromisso social amplamente alimentado por suas matrizes afro, constrói uma contra narrativa dando voz ao discurso comumente silenciado. A autora revisou a história apagada de nossas páginas, resgatou a voz feminina e estabeleceu diálogo ao contemplar um novo paradigma de representação da mulher negra:

Entendemos então que a autora constitui em sua produção literária uma denúncia social que corrobora com a consolidação de uma literatura brasileira escrita por mulheres afrodescendentes. Visto que tanto a crítica quanto o cânone literário são afetados pelas estruturas de poder, a autoria feminina negra insere-se neste contexto como duplamente oprimida, em um lado há o racismo, e, em outro, o sexismo. (SEVERIANO, 2018, p. 32).

Essa ordem opressora produz um ciclo de injustiças e sofrimentos que, por questões culturais, acabam se reafirmando em nossa sociedade. A luta das protagonistas de Evaristo não se restringiu apenas ao seu agressor, mas também a todo sistema que compactua até nossa contemporaneidade com esse ciclo.

### 1.1 INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

Retomando a antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres*, é interessante que, antes de aprofundarmos nos contos “Natalina Soledad” e “Regina Anastácia”, apresentemos a obra: lançado em 2011, o livro de contos reuniu treze narrativas que relataram as vivências de caráter social, político e afetivo “representadas pela condição de ser mulher afro-brasileira” (SEVERIANO, 2018, p. 34).

Intituladas com os nomes completos de suas personagens principais, os contos trataram das angústias, medos, sonhos e principalmente da insubmissão dessas personagens. Nessa obra, a narradora é ouvinte e contadora de histórias, recolhendo relatos e os reescrevendo em seu livro. Apesar de ela “reproduzir” histórias de outros, ela também particularizou essa prosa ao sentir a aproximação de si com essas mulheres (RIBEIRO, 2012, p. 02), tendo em vista que a obra buscou construir representações de um grupo específico: as mulheres negras.

O contexto de insubmissão pressupõe a existência da força opressora, segundo Sobrinho (2015) a leitura dessa obra só poderia ser feita “considerando que a voz que dele emerge é um grito contra o patriarcado, cujas ideologias vêm, há tempos, oprimindo as mulheres” (SOBRINHO, 2015, p. 31). Essas personagens são trágicas, conscientes de sua condição na sociedade, mas também resistentes, insubmissas.

Ao abordamos amplamente, é possível frisar que em todas as prosas desse livro as protagonistas são marcadas pela violência – psicológica ou física – e pela humilhação, seja por seu gênero ou sua cor. É adicionável que as narrativas rememoraram experiências dos passados dessas mulheres, então, no contexto de enunciação, as feridas estão em processo de cicatrização ou já cicatrizadas (SOBRINHO, 2015, p. 38).

A unidade temática na narrativa é a situação de violência de gênero – simbólica ou corpórea – e a relação parental, sendo que todas essas agressões nutrem à resiliência nessas personagens. A obra expôs a realidade de muitas mulheres, mas tratando-as de forma ficcional, no entanto, é adicionável que apesar de todo o sofrimento presente nessas histórias, os seus desfechos são otimistas. Segundo Sobrinho (2015), isso correu com o intuito de demonstrar

[...] a força resiliente feminina frente aos sofrimentos impostos por uma sociedade perversamente machista e violenta e aponta para um desejo de profunda mudança cultural, econômica e social, revelando o teor trágico dessas narrativas. (SOBRINHO, 2015, p. 40)

A obra trouxe o sofrimento vivenciado por elas, contudo, ao lermos a prosa ficcional percebemos que não são lóstimas exclusivas do livro, são sentimentos do coletivo feminino: qual mulher não conhece uma história de violência doméstica? Qual mulher negra não foi subjugada simplesmente pela cor da sua pele? Pois

[...] desde quando foram submetidas à condição de escravizadas, foram silenciadas, vistas como coisas e objeto de desejo sexual, além de serem também violentadas. A dor e a tragédia presentes na obra se configuram nesse sentido [...] (SEVERIANO, 2018, p. 36)

Todavia, sempre ao manifestarem consciência de seu verdadeiro local, essas

mulheres passaram a se encaixar em uma nova condição, deixando de ser oprimidas e passando a ser resistentes.

## 2 “... E DEI O RUMO QUE EU QUIS À MINHA VIDA.”

Em relação à subordinação feminina, Sherry Otner (1979) pontuou que o fato dela existir em todas as classes sociais e econômicas, e em inúmeros graus de complexidade, indica que a problemática em pauta é profunda, não sendo possível desenraizar apenas “reclassificando algumas tarefas e papéis no sistema social, ou mesmo reordenando toda a estrutura econômica” (OTNER, 1979, p. 95-96). Sendo assim, a aludida autora pontuou que, em uma concepção geral, as mulheres são subordinadas aos homens em todas as sociedades conhecidas.

Segundo Moraes (2000), a questão da subordinação feminina foi instaurada junto da concepção de propriedade privada, a qual podemos pontuar como marco inicial da luta de classes, pois a “mulher e as crianças são escravas do homem. A escravidão, ainda latente e muito rudimentar na família, é a primeira propriedade” (MORAES, 2000, p. 90).547

Para Otner (1979), as mulheres possuem certos poderes, sendo eles dependentes das sociedades as quais estão inseridas, porém eles sempre são ameaçados por determinismos genéticos, a “falta” de algo. Ainda sobre o corpo feminino, em muitas comunidades as mulheres são restritas ao papel de reprodutoras de vida, enquanto que aos homens, por não terem as funções naturais das mulheres, são destinados papéis mais amplos (OTNER, 1979, p. 99-102).

Comumente, a figura feminina é simbolicamente associada à natureza, enquanto que os homens

[...] em oposição [...] são identificados com a cultura. Uma vez que o plano da cultura sempre é submeter e transcender a natureza, se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará ‘natural’ subordiná-las, para não dizer oprimi-las. (OTNER, 1979, p. 101-102)

É assinalável que o pensamento conservador que permeia em muitas sociedades é supra histórico, o qual surtiu efeito nas famílias de todo o mundo, acarretando em distribuições de funções com base no sexismo: a filha lava a louça e o filho fica sentado na sala vendo TV (MORAES, 2000, p. 90-91). Além do machismo estrutural, é acrescentável a questão racial, pois é de conhecimento popular que as mulheres negras sofrem o dobro das subjugações, passando tanto por violências físicas quanto por simbólicas.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* foi percebível que a prosa passeou entre a ficção e o real. Essa realidade foi vivida por Evaristo e ainda é vivenciada por inúmeras

outras mulheres, pois “ser mulher, negra e oriunda de uma vida pobre, são as características predominantes que levam à fala e à escrita nas suas obras, marcadas também pela crítica social e pela ancestralidade das suas personagens” (SEVERIANO, 2018, p. 29).

No que disse respeito ao racismo estrutural vivenciado por elas, é salientável que privilegiar “uma determinada classe social é fragmentar grupos existentes na sociedade, de modo que imputasse uma culpabilidade aos grupos menos favorecidos pelos dados alarmantes de atos violentos lançados sob as mulheres” (SEVERINO, 2018, p. 44).

Essa insubmissão é consequência de uma mudança histórica lentíssima em que os negros deixaram de ser tratados como propriedade dos brancos e passaram a ser vistos como donos de suas narrativas. Em concordância com a assinalação, é realçável que Conceição Evaristo escreveu sua prosa dando voz ao negro como dono de sua própria história, sendo ele seu próprio narrador.

Na obra de Evaristo é observável a subversão das protagonistas em uma sociedade patriarcal e racista, onde elas sofrem tanto pelo seu gênero quanto pela cor de sua pele. Segundo Sobrinho (2015), desde o seu título é notável os caminhos que as histórias dessas personagens percorreram

Composto por um adjetivo, um substantivo e uma locução adverbial, ele remete o leitor, a princípio, a algumas reflexões sobre: 1- um contexto (as lágrimas são insubmissas. Essa insubmissão é a quem ou a quê?); 2- a ideia de sofrimento (lágrimas) e 3- uma identidade (feminina, explícita na locução “de mulheres”). (SOBRINHO, 2015, p. 30)

Segundo *Dicionário de Português Online* (2009) subversão é um substantivo feminino o qual determina a desobediência, indisciplina, insubmissão, insubordinação e a rebelião, sendo uma oposição as normas, as autoridades, as leis, as instituições. O ato de subverter, portanto, está vinculado ao ato de revolucionar, não se submeter a determinado sistema político, econômico ou social. Tendo em vista o postulado, é assinalável que as protagonistas de Evaristo são mulheres subversivas por, de alguma forma, irem contra ao imposto socialmente.

Em relação à subversão da população feminina negra, é importante ressaltar que, em perspectiva histórica, o negro passou de ser visto como objeto a ser um sujeito, o reflexo dessa mudança é observável nos contos de Evaristo em que “a autora escreve sobre o negro agente de sua própria história, em que o discurso se pauta no ‘eu enunciator’” (SEVERIANO, 2018, p.30).

As personagens que dão nome aos capítulos/contos do livro de Evaristo são insubmissas, não se conformam com o racismo, sexismo e violências as quais foram submetidas, despertam das condições as quais lhes foram impostas culturalmente e

seguem por outros caminhos, pelos seus próprios caminhos. É agregável que

No contexto da insubmissão que a obra retrata, pressupõe a existência de forças que subjugam, ou tentam subjugar. Portanto, podemos considerar que a leitura desses contos deve ser feita a partir do ponto de vista que considera que a voz emitida através dos textos, emite um grito de quebra do paradigma do patriarcalismo, que imprime conceitos de forte opressão sob às mulheres [...]. (SEVERIANO, 2018, p. 35)

Sobre a perspectiva de violência, detemo-nos a falar da violência de gênero sofrida pelas mulheres da prosa, resultantes de uma relação em que o homem se considera superior a mulher apenas por questões biológicas. Esse tipo de violência pode ocorrer de forma física ou psicológica, ocasionando problemas na saúde da vítima, os quais podem resultar até mesmo na morte.

É considerável, também, que nesse cenário a violência ocorre em ambientes nos quais existem relações afetivas entre vítima e algoz. Ela acontece, muitas vezes, dentro de sua própria casa, local que deveria ser sinônimo de tranquilidade e paz aos residentes do domicílio. Essa violência tem

[...] traços peculiares e se constitui numa prisão que encarcera a relação conflituosa. O próprio gênero é o fator determinante para a compreensão de como o patriarcado paira na sociedade contribuindo para a naturalização dos fatos no espaço que tange a agressão e a dominação, apontando desse modo, que mulheres (desde a infância até a fase idosa) dificilmente sofrem violência por parte de um desconhecido. Esses agressores estão no espaço doméstico, ou pertencem ao grupo familiar, ou a grupos de amigos/conhecidos. (SEVERINO, 2018, p. 45)

A violência de caráter psicológico é muito recorrente nessas relações, sendo ela qualquer atividade que ocasione dano psicológico ou perturbe o desenvolvimento da vítima degradando-a emocionalmente. Muitas vezes, essa agressão consiste em um controle que o homem tenta exercer sobre as ações da mulher através de ameaças, humilhações, constrangimentos, vigilância constante entre inúmeras outras formas.

Os traumas causados à vítima de uma violência psicológica, através de uma ameaça ou humilhação, por exemplo, que também são formas brutais de atingir a autoestima de alguém, interrompem o bem-estar moral e psicológico, dando vazão ao medo, ansiedade, pânico, fobias, entre tantas outras sequelas do trauma. (SEVERIANO, 2018, p. 45-46)

Apesar de todo o postulado, em diversas ocasiões as vítimas das violências psicológicas são silenciadas por suas cicatrizes não serem tão aparentes. Camufladas por uma perspectiva que permeia nossa sociedade, percebesse que a concepção de violência da população como um todo é baseada na questão visual, corpórea.

Essas narrativas deram voz as figuras silenciadas, personagens que não tinham suas histórias contadas, vivenciando sofrimentos do coletivo feminino, em que a dor

[...] e a tragédia presentes na obra se configuram nesse sentido, porém ao manifestarem consciência de sua condição de ser vista como subalterna, essas personagens passam a se encaixar em uma nova configuração, e vão de oprimidas para resistentes. (SEVERIANO, 2018, p. 36)

Nesses contos, foram-nos mostradas lutas femininas contra o sistema de injustiças sociais brasileiras nas perspectivas patriarcal e racial, produtor de inúmeros sofrimentos para uma classe vulnerável e que muitas vezes está à margem da sociedade. Relações de poder de mulheres brancas e homens sobre mulheres negras foram exploradas em todos os contos, todavia, nelas as mulheres conseguiram se reerguer contra o opressor, demonstrando sua força.

## 2.1 A MULHER QUE SE CRIOU: NATALINA SOLEDAD

O conto tratado nesta sessão será “Natalina Soledad”, a segunda prosa presente no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo (2011). Ele possui por volta de sete páginas e é narrado em terceira pessoa, como todas as outras histórias da coletânea.

No primeiro parágrafo temos um prenúncio do que seria o tema principal do enredo: “a mulher que havia criado seu próprio nome” (EVARISTO, 2016, p. 19). A narradora da história anunciou, também, que o fato que despertou seu interesse por Natalina foi justamente ela ter se nomeado, acrescentando ainda que a personagem em pauta se desfez do seu nome de batismo e só então passou a ser a dona de sua narrativa.

Natalina nasceu Troçoieia Malvina Silveira, sétima filha – após seis filhos homens – de Arlindo Silveira Neto e Maria Anita Silveira. Arlindo Neto, filho único, foi criado por seu avô, pois seu pai faleceu jovem. Arlindo Neto achava inaceitável o fato de ter uma filha, não se julgava capaz de tamanha fraquejada. Tomado pela decepção quando lhe foi noticiado que seu sétimo filho, na verdade, era uma mulher, questionou-se: “como podia ser?” (EVARISTO, 2016, p. 19). A única justificativa que encontrara para tal barbárie era a traição de sua esposa, entretanto, para não levantar mais falatório nas redondezas, batizou a criança como sua descendente.

Retomando as concepções de Otner (1979) sobre o que muitas sociedades consideram como a “falta” de algo nas mulheres e, com isso, acabam reproduzindo uma cultura da inferiorização feminina, podemos citar esse fato como exemplo, pois uma bebê foi tratada diferente de seus irmãos apenas por ser uma menina.



A história de Troçoleia se iniciou permeada de imposições sociais. Nomeada como um “troço”, reduzida a uma coisa, a menina Silveira cresceu contra o gosto dos pais. Apesar dos infortúnios, ela era a de aparência mais parecida de Arlindo Neto, mas por nutrirem enorme desprezo pela criança, os familiares não percebiam essa similaridade entre ambos. A semelhança era tanta que Troçoleia passou a ser chamada de Silveirinha pelos conhecidos.

A menina era autodidata, construiu seu aprendizado de maneira independente, apenas quando estava muito dona de si seus pais concordaram que ela frequentasse a escola. No entanto, quando a criança começou com esse convívio foi vítima de bullying por conta de seu nome, passou então a perceber, em dimensões mais reais, o desprezo de sua família ao lhe nomear como uma coisa e não um ser.

Apesar de sua pouca idade, a menina começou seu poder de subversão. Recusava-se a responder quando chamavam por apelidos, sempre que requisitada só respondia quando chamada por completo: Troçoleia Malvina Silveira. Era sua forma de rebelar o escárnio ao fazer seus pais pronunciarem “sua antiga raiva” (EVARISTO, 2016, p. 22). Com o desprezo dos progenitores, a menina nutriu um sentimento mútuo, passou a ter um propósito maior na vida: nomear-se. E

[...] para criar outro nome, para se rebatizar, antes era preciso esgotar, acabar, triturar, esfarinhar aquele que lhe haviam imposto. Primeiramente a menina Silveirinha esperou. A moça Silveirinha esperou. A mulher Silveirinha esperou. E, nas diversas andanças do tempo sobre o corpo dela, muitos acontecimentos. (EVARISTO, 2016, p. 24)

Já adulta, Troçoleia Malvina Silveira abdicou de sua parte da herança, rejeitou a incorporação do sobrenome familiar em sua nova identidade, tornou-se Natalina Soledad, nome escolhido por ela mesma, o qual reiterou “a solidão de gente grande que ela experimentava desde pequenina” (EVARISTO, 2016, p. 23). Reduzida a uma coisa, a um troço, Troçoleia cresceu desfrutando apenas de sua própria companhia, cresceu na solidão, tornou-se então Soledad, marcando mesmo em sua nova fase de vida a solidão que a acompanhou desde seu nascimento.

Seu nome de batismo trazia uma carga de rejeição, retomando apenas o desprezo que seus familiares nutriam por ela, ocasionado por questões sexistas pautadas em Arlindo Neto, seu pai, não suportar a ideia de ter ajudado na concepção de uma menina. Essa perspectiva nos faz refletir em questões como: Por que seria tão ruim ter uma filha mulher?

É citável, novamente, a questão do sexismo patriarcal, em que as mulheres são vistas como inferiores aos homens, incapazes de certas atividades e destinadas à procriação da espécie, essa concepção é baseada no determinismo genético, o qual afirma

que nas mulheres falta “algo”, o pênis, para que elas sejam completas.

Soledad sofreu de violência psicológica ao longo de sua vida, além do desprezo representado em seu nome ao ser batizada como uma coisa. Quando menina, vivenciou o escárnio de seus familiares, todos a tratavam como uma estranha. Traumatizada, a moça evitava contato ao ponto de preferir andar de olhos fechados na casa de seus pais para não precisar avistar os seus algozes.

É agregável, também, que essa violência psicológica deixou cicatrizes emocionais nessa protagonista, pois ela decidiu abandonar o amor a dois, provavelmente um reflexo da solidão a qual foi imposta durante toda sua existência. É notável, em sua automeleção, essa solidão “experimentada durante toda vida, fruto da violência de gênero praticada pelos familiares, sobretudo pelo pai e pela mãe permanece enraizada no coração da protagonista: Natalina Soledad é aquela que nasceu só” (SOBRINHO, 2015, p. 80).

Seguindo a linha de pensamento de Sobrinho (2015), Soledad, nome de um sentimento, marcaria uma subjetividade e ao mesmo tempo carregaria lembranças tristes, reafirmando os sentimentos do seu nome de batismo. Enquanto Troçoleia traria a perspectiva de coisa, Soledad relembriaria a solidão de ter sido considerada um troço por seus pais, que por sua vez representariam um modelo familiar arcaico, baseado no sexismo e na violência de gênero em que mulheres são submetidas ao mande e desmande dos homens da família.

Quando Natalina abandonou Troçoleia, a personagem subverteu ao que lhe foi imposto socialmente por seus familiares, recusou-se a ser uma coisa, assumiu uma identidade própria, sem medo de ser quem ela sabia que deveria ser, tendo então a sua ressurreição.

## 2.2 RAINHA COROADA: REGINA ANASTÁCIA

A última narrativa do livro tem como título “Regina Anastácia”, a qual tratou da trajetória de vida de Regina Anastácia e seu amor. É acrescentável que essa história é a que finaliza o livro e, também, a que possui o enredo mais doce, a teoria para o aludido fato é que não há como analisar um conto de forma isolada, ignorando o restando do livro em que a prosa se encontra, então, como postulado anteriormente, Evaristo percorreu o caminho otimista nas narrativas, dando, na medida do possível, finais felizes as suas personagens, então, o final feliz do livro seria a história de Regina Anastácia: a mulher que tomou para si o cedro de seu destino.

Regina Anastácia, a protagonista que nomeia o aludido conto, foi descrita desde seus momentos iniciais com ar majestoso. A narradora afirmou que “ao pronunciar o

próprio nome, me soou como alguém que anuncia com respeito a chegada alguém especial, merecedora de toda reverência” (EVARISTO, 2016, p. 127), demonstrando o ar real que a personagem possuía em si.

Ao contar sua história, ela afirmou que pegou em suas mãos o cedro de seu destino e fez o que quis com sua vida (EVARISTO, 2016, p. 128), demarcando desde as primeiras linhas que fora dona de seu caminhar, que não permitiu que outros tomassem conta dos seus passos, de seu futuro.

Regina Anastácia, junto de sua família, migrou para uma cidade pequena chamada Rios Fundos, local dominado de todas as formas pela família Duque D’Antanho, latifundiários herdeiros do período das capitanias hereditárias. A caminhada da protagonista esteve entrelaçada junto a da família, pois a personagem nutriu uma relação sentimental por um dos herdeiros D’Antanho.

É acrescentável que essa família, por ser “dona” da cidade, julgava-se dona das pessoas que ali residiam e conseqüentemente trabalhavam em suas propriedades. Além de Regina, a mãe da personagem também não se submeteu aos caprichos da família latifundiária, pois a progenitora não aceitou trabalhar como doceira em uma das padarias D’Antanho, decidiu abrir sua própria tenda com petiscos em casa, por conta disso, a protagonista se manteve afastada dessa família.

Avançando na narrativa, é abordável o primeiro encontro de Regina Anastácia com a matriarca D’Antanho. A personagem principal se sentiu invisível perante Dona Laura, pois a senhora ignorou completamente sua presença, como se ela não existisse. Sentindo-se menosprezada, Regina Anastácia afirmou que sabia que o futuro guardava surpresas para Dona Laura (EVARISTO, 2016, p. 133), momento o qual demonstrou que não se submeteria aos caprichos que a matriarca tentaria impor.

Nesse mesmo episódio, Regina Anastácia conheceu Jorge D’Antanho, aquele que viria a ser o grande amor de sua vida. É importante acrescentar que a consolidação do romance se deu apenas anos mais tarde. Apesar de Jorge ter demonstrado interesse por Regina, a família da moça se preocupava com a relação, pois ele era um homem branco. Segundo a mãe da personagem

Os moços brancos, incentivados pelas famílias, conservam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e das mulheres que trabalhavam em suas casas. Só que o tempo havia mudado. O mais comum agora era a sedução. Entretanto, havia aqueles que tomavam, à força, o corpo da empregada [...] (EVARISTO, 2016, p. 137).

Com tudo, Jorge mostrou-se diferente. Sua relação com Regina caminhou em boas

estradas no quesito sentimental, no entanto, a partir do momento ao qual assumiu sentimentos por ela, sofreu boicote de sua família, sendo até mesmo deserdado. Além de Jorge, as mulheres da família da protagonista que trabalhavam nas propriedades D'Antanho também sofreram represálias. Regina afirmou que seus

[...] inimigos reais eram os D'Antanhos e Jorge, sem meias medidas, enfrentou a sua família, que reagiu logo. Dispensou as minhas tias que trabalhavam com eles, acusou uma de roubo; deram até queixa na polícia. O delegado, apesar de ser também da família, estava ao lado de Jorge e logo maliciou sobre as intenções da acusação [...] Jorge foi espremido contra a parede, que ele parasse logo com a história de namoro, compromisso. Eu não era moça de propósitos [...] A desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento. (EVARISTO, 2016, p. 138).

Sobrinho (2018), ao tratar das concepções de Pierre Bourdieu e Gerda Lerner sobre violência simbólica, assinalou que ela ocorre geralmente na dominação masculina e perpetua-se por meio de símbolos (SOBRINHO, 2018, p. 74), afirmando que há

[...] agentes sociais responsáveis pela perpetuação dessas ideologias, cujos efeitos duradouros têm significado, ao longo dos últimos milênios, a exclusão das mulheres da vivência plena de seus direitos como ser humano. Esses agentes são instituições como a Família, a Igreja, a Escola e o Estado. (SOBRINHO, 2018, p. 74)

Sobrinho (2018) continuou sua formulação acrescentando que

[...] acredita que a sociedade de classes surgiu da dominação das mulheres pelos homens e, em seguida, se ampliou para a dominação de homens por outros homens. Dessa forma, era do interesse dos opressores a exclusão dos oprimidos na participação e formação do sistema simbólico. (SOBRINHO, 2018, p. 74)

Percebemos que as principais afetadas pela vingança de Dona Laura contra Jorge foram as mulheres da família de Regina Anastácia; difamadas e acusadas mentirosamente, sofrendo violências por conta de gênero e cor. O discurso da matriarca D'Antanho foi marcado por questões que permeiam desde o passado da sociedade brasileira, em que a mulher negra era vista como uma coisa pertencente aos patrões, os quais poderiam usufruir dos seus serviços e corpos de forma autoritária e sem consentimento, pois, como a aludida personagem afirmou na prosa, era aceitável que Jorge se relacionasse com Regina de forma extra oficial, mas jamais seria aceito que ele realmente nutrisse sentimentos por uma mulher negra.

Apesar das desventuras, Jorge e Anastácia conseguiram vencer os percalços impostos pela família D'Antanho, prosperaram até os dias finais de suas vidas, dando um tom muito amável ao livro ao terminar a narrativa marcando a subversão de sucesso contra o racismo.

Com o passar dos anos, o poder da família D'Antanho perdeu forças e conforme a queda dessa sociedade baseada na exploração racial, representada por essa família de latifundiários, decaiu, a relação de Jorge e Regina Anastácia cresceu e floresceu.

### 3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, é pressuposto, também, haver forças que subjagam essas mulheres, é considerável que a partir dessas narrativas temos conhecimento de uma fusão entre a voz ficcional e autoral, “apresenta ao leitor uma linguagem simples e objetiva que permite uma reflexão e análise sobre a vivência acerca da condição feminina brasileira, em destaque as afrodescendentes” (SEVERIANO, 2018, p. 35)

É perceptível que tanto Natalina Soledad quanto Regina Anastácia tomaram para si o cedro de seus destinos e chegaram onde queriam chegar, conquistaram suas vozes e não se submeteram ao que lhes foi imposto pelo patriarcalismo e racismo. Natalina nomeou-se, deixa de ser um “troço” e demarcou a sua solidão com sua “Soledad”, contudo, apesar das marcas estarem sempre registradas oficialmente em seu nome, a personagem conquistou seu lugar, assim como Regina Anastácia, coroando-se rainha de seu próprio ser, não cedendo aos caprichos de uma família baseada em perspectivas da época vergonhosa da escravidão no Brasil, não submetendo sua narrativa as vontades de uma sociedade racista.

Com isso, é finalizável que Conceição Evaristo compôs narrativas baseadas na insubmissão feminina negra em uma sociedade brasileira que ainda sofre com resquícios do tempo escravocrata, apesar disso, a aludida autora também deu voz as personagens apagadas das páginas de nossa história, deixando-as narrar suas próprias vidas.

## REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. In: **Dossiê: Crítica Marxista**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michele; LAMPHERE, Louíse (coords.). **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RIBEIRO, Patrícia. EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. **Revista Crioula: Resenhas: Insubmissas Lágrimas de Mulheres**, maio de 2012, nº 11.

Sem autor. Significado de Subversão. **Dicionário de Português online**: léxico. Disponível em: <<https://www.lexico.pt/subversao/>>. Acesso em: 05, março 2021.

SEVERIANO, Renata Lourdes Linhares. **Violência, trauma e empoderamento representados nas Insubmissas Lágrimas de Mulheres, obra ficcional de Conceição Evaristo**. 2018. 129f. Dissertação de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2018.

SOBRINHO, Simone Teodoro. **A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: UFMG, 2015.



Título em inglês:  
"I TOOK IN MY HANDS THE CEDAR OF MY DESTINY":  
CONSIDERATION ABOUT THE SHORT STORIES "NATALINA  
SOLEDAD" AND "REGINA ANASTÁCIA", BY CONCEIÇÃO EVARISTO

INVENTÁRIO